

ESTUDO E INTENÇÃO

Uma Conferência dada

a 18 de Agosto de 1988

Obrigado, obrigado.

Ora bem, se hoje eu tenho um ar um pouco desgastado e de segunda mão, se alguém pensou que a pesquisa de Clear me pôs de rastros, meus caros, a pesquisa de OT então... Ena! Sim, pensa-se que já se tem tudo resolvido, sabem? Como é que uma pessoa se meteu em tantas dificuldades? Como é que eu me meti em tantas dificuldades? Meus caros, tenta-se tomar o postulado de um ser com 280 quilómetros de altura, quando só se mede 1,80 m, ou coisa parecida, tenta-se analisá-lo, é algo como: "Onde está a tua cabeça?" sabem?

Isto é muito interessante. Quando forem Clears tenho um pequeno aviso para vos fazer. Bem, inscrevam-se no Curso de OT e façam-no passo a passo, polida e calmamente. Não se tornem ambiciosos. Eu sou o único, aqui que é dispensável. Cada vez que me acontece alguma coisa, dizem: "Toma! É bem feito", e cada vez que vos acontece alguma coisa, a culpa é minha. É assim.

Seja como for, em que data estamos?

18 de onde?

Agosto.

A.D. 16. Obrigado, hoje são vocês que me estão a ajudar a mim. E de que planeta?

Terra. O quê? Sim, bem. Terra?

Bem, há provavelmente uma porção de coisas de que vos poderia falar. Não sei qual delas neste preciso momento vos seria mais útil. O número de cursos completados é elevado, por isso não tenho de me incomodar com isso, e vocês parecem estar a ir muito bem no curso, por isso também não tenho de me incomodar com isso. Mas há uma conferência em que penso que poderiam usar num elevado grau de generalidade, e que é um resumo dos materiais de estudo.

Nunca houve na verdade uma conferência final sobre os materiais de estudo, e nesta conferência nunca me aventurarei a dar-vos um resumo que incluísse todos os pontos relevantes sobre os materiais de estudo. Existe um bom número deles. Mas há alguns materiais adicionais acerca dos materiais de estudo em geral, que julgo que vocês poderão achar de grande interesse. E isso é a respeito da intenção, a intenção durante o estudo. Ora, este é um assunto muito, muito importante.

Quando estudam, o que tencionam fazer com a informação? Um ponto muito importante!

Há pontos que têm a ver com fontes inexactas, quando se estuda. Não olhámos realmente para estes. Partimos da premissa de que todas as fontes que estamos a estudar são *perfeitas*, vejam, e 1) que têm informação para dar, e 2) que a entregam de uma forma que pode ser assimilada. Assumimos mais ou menos isso, o estudante é sempre solicitado a tomar o ponto-de-efeito, e presumir que está a estudar material compreensível e de valor. Este facto, só por

si, tende a derrubar todo o assunto do estudo, deitando-o borda fora, porque muito pouco do material que vos pedem para estudar tem *algum* valor ou compreensibilidade lá fora no mundo wog, e raro é o compêndio que realmente transmite a informação e o conteúdo do assunto que devem assimilar. É muito raro tal compêndio.

Agora, quando o estudo se torna algo enlouquecido, temos de facto uma grande confusão. Esta é uma das razões por que há um tremendo número de suicídios nas universidades, e há um grande número de suicídios nas universidades. A proporção é fantástica! Não é tão elevada como na prática psicanalítica, que se eleva a um terço nos primeiros três meses. Sabiam disso? Bem, por uma razão ou outra, isto nunca foi tornado conhecido.

A fonte desta informação é o Gabinete Psicanalítico, ou seja lá qual for o nome que lhe deram, em Nova Iorque. A propósito, demos mais ou menos cabo deste assunto, resta muito pouco dele.

Mas o número de suicídios que ocorrem nas universidades francesas é provavelmente o mais elevado do mundo, e os seus estudantes estoiram os miolos e atiram-se das janelas por todo o lado quando chega a época dos exames.

O número de insucessos numa universidade, contudo, não tem absolutamente nada a ver com os produtos fabricados por ela. Estas coisas não estão relacionadas. Lá porque os seus exames são muito difíceis não a torna uma boa universidade, vêem? As que têm os exames mais difíceis não são necessariamente as que produzem os estudantes mais brilhantes. Não são factos coordenados.

Existem muitos outros factores que não se coordenam em relação a isto, e isto é porque o estudo é um campo muito frutuoso para um *supressivo*. Tal como o governo, o estudo atrai os supressivos como o mel atrai as moscas, e podem encontrar reacções supressivas de todos os tipos nos compêndios, bem como atrás da tribuna de conferências. Como resultado disto, quando falamos do assunto do estudo, temos de discutir se o assunto em si tem um atestado de aprovação. O assunto, ou a sua entrega, são um assunto de ética?

Agora vou falar-vos de um campo que, sem sombra de dúvida, manteria mil *Oficiais de Ética* ocupados durante mil anos, e esse é o campo da navegação. Bem, sou, até certo grau, relativamente perito neste domínio específico, mas tenho sérias dúvidas de que pudesse entrar no Ministério do Comércio ou no Gabinete dos Serviços de Navegação e passar hoje os meus exames de capitão de navio mercante no campo da navegação. Tenho muitas, muitas dúvidas sobre isto, porque tem muito pouco a ver com Navegação. E eu passei pela infeliz experiência de ter que navegar em muitos oceanos de improviso, por minha conta, com equipamento inadequado, cronómetros parados, e todo esse tipo de coisas, tabelas que faltavam e assim por diante, e de uma forma ou de outra essas barreiras não devem colocar-vos numa posição onde, é claro, percam o navio. Por isso, navega-se.

E o método pelo qual se navega é a coisa mais importante num exame sobre navegação, e o facto de se *conseguir* navegar é o único teste que O Velho Mar vos exige.

E quando um indivíduo que acaba de passar no seu exame de navegação com a nota máxima entra num navio que está sob *a minha* responsabilidade, bem, normalmente eu fico muito atento. Porque isto não me diz que ele sabe navegar, de modo algum, não tem nada a ver com navegação. Já vi um fulano desses chegar a bordo, olhar para o leme e dizer: "Com que então isto é o leme! Bem, muitas vezes me interroguei sobre isto... e isto é uma bitácula! Aquilo é uma bússola! Oh, céus! E aquilo é um telégrafo da casa de máquinas! Que interessante!"

E eu pensei para comigo mesmo: "que interessante!" O indivíduo tinha o seu diploma, devia ter passado no exame. Porém, não tinha chegado ao ponto de conhecer o ambiente em que era suposto navegar.

Divide-se a navegação nos seus princípios básicos, há apenas certos princípios elementares que são os seus factos, e são factos muito, muito aperfeiçoados, muito óbvios. Por exemplo, todo o assunto se dedica à localização do lugar onde uma pessoa se encontra numa esfera. E visto que a esfera também contém rochas, baixios e massas de terra, bem como áreas bastante turbulentas que são menos seguras do que outras, e áreas calmas, das quais é melhor afastarem-se, torna-se de certo modo importante que saibam onde estão.

E visto que o mar é uma superfície de água que obscurece as coisas mesmo apenas a algumas polegadas abaixo dela... recordo-me de uma vez estar a navegar com uma bela e linda calmaria e tudo a correr bem, e de olhar para bombordo e ver uma gaivota a caminhar sobre a água! Não pensem que nesse momento empalideci só um bocadinho! Devido a correntes de maré causadas por uma tempestade, ou que iam na direcção contrária à indicada pela tabela de marés, etc., a profundidade das águas sobre um banco de areia mesmo ali ao meu lado não era de 7 metros, mas sim de três centímetros! De facto, vejam, era suposto ser maré alta naquele momento.

Por isso, só se pode contar com que, toda a navegação realizada apenas por meio de actividades matemáticas, conduza a uma coisa: chocar com as rochas. Disso podem estar bastante seguros. Porque todo o assunto é dedicado a saber onde vocês se encontram, e em segundo lugar é não esbarrar com, em, ou colidir com objectos que não devem frequentar ou associar-se. É fácil. E além disso, temos alguns outros factos: que as estrelas não se movem muito, que as falésias e os promontórios não se movem muito, e que o Sol se move de modo bastante regular, e a Lua se move de modo errático mas com muita regularidade, pode-se prever os seus movimentos erráticos. De facto podem olhar para estas coisas, e se dispuserem de um cronómetro ao qual se tenha dado corda, ou se puderem obter um sinal horário de algum lugar, normalmente podem localizar em que ponto da esfera se encontram, pela consulta destes corpos celestes, ou, no caso de pilotagem, pelo reconhecimento das massas da terra. Na verdade, é tudo quanto há acerca de todo o assunto.

Então, perceberam alguma coisa do assunto?

Garanto-vos que agora percebem muito mais deste assunto do que um aspirante da Marinha do primeiro ano de Academia Naval. Porque dá-se-lhe um livro chamado *Dutton*. *Dutton* é a bíblia. Bem, no princípio este pode ter sido um bom compêndio, mas caiu nas mãos dos almirantes e não tem parado de ser rescrito.

Ora, o "*Manual de Introdução à Navegação*", escrito por Mixter, foi o compêndio elementar que permitiu aos oficiais, que se mantiveram longe das rochas, manterem-se longe das rochas na Segunda Guerra Mundial. Publicou-o em 1940, tornou-se a bíblia dos jovens oficiais que participaram nesta guerra. E está agora (Mixter já faleceu) em processo de ser rescrito pelos almirantes. E quando o li no outro dia... agarrei simplesmente num exemplar e li-o. "Isto não me parece o *Mixter*".

Por isso, ontem à noite peguei no meu exemplar do *Mixter* da Segunda Guerra Mundial e num exemplar do *Mixter*, novo em folha, que acabava de ser publicado, e li-os página a página, comparando um com o outro, e são consideravelmente diferentes! As palavras tornaram-se mais compridas.

Bowditch tem passado por este processo durante tantos anos que, de um pequeno compêndio, publicado em fins do século XVIII numa linguagem tão simples que até o cozinheiro de Bowditch podia navegar depois de um cruzeiro à China, se tornou num compêndio de uns sete a dez centímetros de espessura, que está assombrosamente cheio de senos, co-senos, semi-senos reversos, tabelas, tabelas transversas, equações, e toda a espécie de coisas loucas. E tornou-se um enorme livro de tabelas. Se não sabem o que fazer com uma tabela de navegação, colocam-na no *Bowditch*. E agora é um compêndio oficial da Marinha dos Estados Unidos.

Imagino que haja coisas na Marinha Real que passaram por esta mesma evolução. Mas a principal questão que estou a levantar aqui é que seria de esperar que alguém tivesse prestado atenção a um assunto cuja falta de conhecimento mata homens. Vejam, pode-se morrer muito rapidamente por uma ausência de navegação, vejam, e por vezes não tão rapidamente, às vezes de forma bastante desastrada. Seria de esperar que tivessem feito todos os esforços para tornar a coisa mais simples. Bem, é verdade que desenvolveram métodos mais simples de localização através das estrelas, mas os seus compêndios são tão complicados que na primeira vez que peguei num exemplar do compêndio da Academia Naval sobre navegação, *o Dutton*, li as quatro primeiras frases, voltei a lê-las, continuavam a não fazer sentido, li-as *outra vez*, pousei o livro, e foi o máximo que consegui fazer com o Dutton. Muitos anos mais tarde, muitos anos mais tarde, voltei a ler as quatro primeiras frases e descobri que, se fosse um navegador perito e não precisasse de nenhum tipo de informação sobre o assunto, as primeiras quatro frases do *Dutton* fariam então sentido.

Bem, acho isto muito interessante.

A *Enciclopédia Britânica*, nas suas edições mais antigas, é uma enciclopédia bastante simples. Muito interessante. Não gosto das edições posteriores à décima primeira, porque nas anteriores encontra-se toda a espécie de coisas escritas de uma forma muito simples. Foram escritas na base de que uma pessoa possui uma enciclopédia por não saber certas coisas e querera procurá-las e encontrar um breve resumo acerca delas. Bem, lamento dizer isto, que as edições da *Enciclopédia Britânica* mais recentes publicam artigos sobre jardinagem paisagística, que apenas um jardineiro-paisagista poderia compreender ou nos quais poderia estar interessado. Entrámos no mundo do especialista.

Ora, o especialista, ao escrever um compêndio, muitas vezes enlouquece. A noite passada peguei num compêndio de (estou a usar a navegação neste momento específico em vez da fotografia, tal como a estava a usar anteriormente no assunto, apenas para ter um assunto paralelo) peguei portanto num compêndio de equipamento para iates de cruzeiro. Oh, era um texto muito, muito autoritário, muito moderno, e continha um capítulo sobre binóculos. Portanto, dei uma vista de olhos a esse capítulo sobre binóculos, e é, página, após página, após página, apenas acerca de binóculos. É muito interessante porque pega no assunto desde os tempos de Galileu. Explica como construir, sem ser específico, mas sendo muito complexo com fórmulas completas, um telescópio de Galileu. Acho isso muito útil, posso imaginar-me agora num iate, no meio do Pacífico, a construir um telescópio de Galileu. Posso imaginar isso mesmo agora.

Portanto, de qualquer forma, a coisa parte disto, o que é compreensível, digamos: “bem, qualquer pessoa colocaria isso no primeiro parágrafo”. Não, ele colocou isso nas primeiras duas ou três páginas.

E daí passa à absorção da luz pelo vidro, e aos vários tipos de vidro, e como o vidro é feito, e continua e continua, agora com as fórmulas para trabalhar e alisar vidro. Posso mesmo imaginar-me agora, vejam, ao largo da Diamond Head, em Waikiki, interrogando-me sobre qual o binóculo em que pegar e: “vejamos, qual é a fórmula que foi usada para preparar as lentes deste binóculo?” percebem? É absurdo!

Portanto, seja como for, a coisa prossegue a este ritmo louco, e no final do capítulo conclui-se, sem qualquer preâmbulo de qualquer espécie, que um timoneiro de um iate precisa de um par de binóculos de 7 x 50: uma conclusão autoritária baseada em todas as fórmulas ópticas. Um timoneiro de iates não é um oculista. Para que servem as fórmulas? É uma coisa completamente maluca!

Ora, a verdade é que esse capítulo não contém o seguinte: como conservar, impermeabilizar e limpar as lentes que se usam no mar... e pode-se estragar um par de lentes num ápice se não se sabe isso, como regular um par de lentes de acordo com a prescrição

adequada aos vossos olhos, e ser capaz de preparar qualquer binóculo em que se pegue, num instante, de modo a usá-lo imediatamente sem ter de andar a mexer nele. O capítulo não continha isso. Não continha o facto de que, nos pequenos navios, a vibração e as oscilações dos ressaltos nas várias direcções são tais, que o tremor das lentes torna impossível ler os números nas bóias, ou a identidade de, ou nome dos barcos a qualquer distância, se usarem lentes demasiado fortes, e que com um binóculo de 7x50 a imagem se tornará inevitavelmente enevoada com os movimentos de um pequeno iate. Não são de forma alguma as lentes ideais para um iate. Do que precisam para um pequena lancha é de um binóculo com uma potência de aumento de três vezes ou quatro, e então poderão ler os números nas bóias. Até mesmo a sua conclusão estava errada.

Fascinante! Desperdiçou todas aquelas páginas, vêem? Mas aparece alguém que teve de conformar-se com o uso dos binóculos, que sabe tudo o que os contramestres estúpidos, novatos, sem treino, podem fazer com os binóculos, percebem, alguém que usou binóculos em todas as circunstâncias, e descobre que o que este fulano escreveu não tem absolutamente nada que ver com o assunto.

Mas esperem um momento. Esperem um momento. Um indivíduo que os tem usado durante anos nessas condições, não precisa daquele compêndio, pois não? E se aquele compêndio não dá ao utente a informação de que ele precisará para usar... O que é isto?

Uuaauu! Há mais aqui do que parece à primeira vista. Consideravelmente mais do que parece à primeira vista. Vejamos alguns livros tirados ao acaso da estante respeitante ao Mar. E, a menos que se seja muito esperto, e cientologista, não notarão que só falam de catástrofes. Falam de forma consistente, página após página, após página, de como tudo é desastroso, de como devem fazer isto e aquilo, porque isso vai acontecer, de como devem fazer aquilo e isto porque alguma outra coisa vai acontecer, de como não devem fazer essa coisa e tal coisa porque alguma outra coisa vai acontecer. Vocês lêem em vão acerca de como conseguir mais meio nó com o ajuste das vossas velas. Mas lêem tudo sobre como as calhas para a testa da vela conforme se fixam ao mastro (não quero tornar-me muito técnico para vocês) como estas pequenas peças, que se colocam nas velas para estas subirem a calha de Marconi, como se soltam nas tempestades e se encravam no meio da calha, tornando necessário que as pessoas se levantem e subam aos mastros, o que é impossível.

E se lessem muitas coisas destas nunca iriam para o mar, ficariam mortos de medo, simplesmente mortos de medo!

Até mesmo numa pessoa com experiência considerável, essa sensação invade-a de forma crescente sem se aperceber, e finalmente vai para o mar, e entra num estado de espírito meio histérico. Num dia lindo e calmo, está no meio de um canal com 50 milhas de largura, não há navios à vista, e está preocupado com os seus azimutes, ou se o magnetismo sub-permanente do casco teria mudado da última vez em que o barco esteve na doca seca, e se a sua bússola está a dar a direcção correcta, e se irá pegar... oh, só preocupação, preocupação, preocupação. Nunca irá sentar-se comodamente, sabem, e dizer: "Ótimo!", estão a ver?

Agora, se querem ficar histéricos alguma vez, leiam "o piloto costeiro". Como leitura leve, para aqueles que apreciam histórias de terror, é o mais recomendado.

Lembro-me de uma vez em que estava a considerar fazer uma grande travessia desde o Alasca, completamente privado de toda e qualquer protecção em pleno Inverno, e descer impetuosa e velozmente através das amplas extensões do Pacífico, para chegar finalmente, ali mesmo, a um porto da Califórnia, vejam, com um navio de expedições e sem me abrigar atrás de qualquer terra. E sentei-me, o meu imediato estava sentado também, e estávamos os dois a ler, tínhamos dois exemplares do piloto costeiro, e estávamos a lê-lo, mas não era o mesmo piloto costeiro, o dele era britânico e o meu era americano, e estávamos a lê-los.

Parece que a 500 milhas da costa há correntes fantásticas que, quando o vento e o nevoeiro

se combinam, porque o vento e o nevoeiro vêm ao mesmo tempo em meados de Dezembro e Janeiro, pode-se contar absolutamente ser-se despedaçado, afundado, engatado, enredado, parado por falta de vento, arruinado e, em geral, acabado. E era tão mau (era muito pior do que eu estou a dizer) e era tão mau que ele e eu estando sentados já era, vejam, completamente escuro lá fora ao meio-dia, sabem? E íamos seguir esta viagem, e de uma forma ou de outra íamos pirar-nos dali para fora, mas de repente, tivemos simultaneamente um ataque de riso histérico. Nada podia ser assim tão mau, vejam, nada! O piloto costeiro britânico, o piloto costeiro americano, nada podia ser assim tão mau!

Uma vez li algo acerca de uma terrível corrente de maré. E era uma corrente de maré, e dizia tudo acerca de como tinha afundado uma canhoneira canadiana e causado o desaparecimento dos seus duzentos homens, e que esta corrente de maré avançava a dezasseis nós de cada vez que a maré mudava, e que no meio dela havia um enorme rochedo que quebrava os navios, porém, era visível à noite por causa da espuma que saltava no ar!

Bem, seja como for, normalmente atravessa-se essas coisas com a maré estofa. Eu atravessei-a na maré estofa, e o cozinheiro, durante todo o tempo em que a estávamos a atravessar, estava a cozinhar umas panquecas quentes e a enviá-las para a ponte, porque eu estive ali sentado a tomar o pequeno almoço durante toda a travessia desta terrível corrente de maré.

Uma vez negocieei a travessia de outra corrente de maré, um estreito, onde "alguém que entrasse nele era praticamente afundado, mas às vezes os navios ricocheteavam nos lados dos penhascos, e mantinham-se a flutuar de alguma forma". E eu estava no meio disso em plena noite, porque havia um erro na tabela de marés americana, um erro de duas horas, e eu tinha apanhado a maré com corrente rápida em vez de maré estofa. E a água ia por ali fora numa agitação de espuma branca, meus caros, e eu aproximei-me daquilo num veleiro e estava lá dentro antes de ter podido fazer fosse o que fosse. E as luzes da cabina brilhavam através das vigias nas falésias, tão próximas que se podia ver o musgo, e a cana do leme partiu-se, e ficámos sem leme. Por isso improvisei uma cana de leme de emergência no meio de tudo isto, e conduzi o navio até ao outro lado, e de repente apercebi-me de que a tínhamos atravessado. E compreendi outra coisa acerca disto: nunca em momento algum precisei realmente de saber nada acerca dessa corrente de maré, se a tinha apanhado na maré estofa, maré alta, ou qualquer outra forma, não importava se era rápida, ela manda sempre um barco para o outro lado. Para que estava eu a estudar tabelas de marés? A corrente é rápida, e depois?! Estão a ver a ideia?

Bem, é certamente muito bom conhecer todas estas precauções, mas o que é que fez o capitão do *Indianápolis*... era um capitão da Marinha dos Estados Unidos, e eles têm galões, sabem, que chegam até ao boné, e este indivíduo levou o Cruzador *Indianápolis* através deste primeiro estreito de que vos falei, e os pilotos locais preveniram-no em relação a ele, e ele leu todas as tabelas de marés, e era um diplomado da Academia Naval, e um homem de grande experiência com toda a certeza, etc. e dispunha de toda essa informação, porque cada vez que são promovidos eles têm que passar exames completos sobre tudo, sabem? Tenho a certeza de que ele dispunha de toda a informação, ele era um estudante que tinha sempre a nota mais elevada. E conseguiu colocar o USS *Indianápolis* atravessado naquele canal, em corrente máxima, com a popa presa numa margem e a proa na outra. Conseguiu fazer isto. Palavra que não percebo como conseguiu fazê-lo.

Mas se examinarem cuidadosamente estes compêndios descobrirão que a maior parte deles vos dizem simplesmente para não irem para o mar, que é muito perigoso, e uma pessoa que os estuda com muito, muito afínco e procura agir completamente de acordo com eles, acaba por perder todo o prazer de ir para o mar, e não o faz.

Portanto, há supressão em todo esse campo. Ora, naturalmente que é muito simpático da parte deles dizerem que se vocês inundarem o barco de gás butano e a seguir acenderem um fósforo, o barco explodirá. Ficamos contentes em saber disso! E muito bom saber onde estão

os recifes, mas não vamos concentrar-nos neles durante o resto das nossas vidas. Indiquem-nos também onde estão as marés para uma navegação fácil e livre de barreiras, porém nunca ouvimos falar disso, só ouvimos falar dos recifes.

E poderíamos, portanto, pegar em qualquer assunto e redigi-lo, para propósitos de estudo, de uma forma supressiva.

Bem, vocês devem indicar às pessoas quais são os perigos, por vezes podem falar deles demasiado por alto, é verdade. Por exemplo, eu detestaria dizer às pessoas... (aqui há dois extremos) detestaria ter que omitir a ideia de que, se vocês fizerem uma Procura e Descoberta incorrecta, poderão pôr o vosso PC muito doente. Vocês obtêm o SP errado e a pessoa pode ficar doente, pode ficar doente agora, porque lhe restimularam o SP verdadeiro, e é isso que o põe doente, estão a ver? Não são vocês que o põem doente dessa maneira, é sim o SP verdadeiro.

Bom, posso dizer-vos isso, mas continuar a falar impetuosa e furiosamente, e descrever o S&D apenas em termos de como não encontrar o SP errado porque é isso que vocês certamente vão fazer, poderia deixar-vos num estado de espírito (não digo que deixasse) mas podiam ficar num estado de espírito tal que provavelmente nunca fariam uma S&D por ser demasiado perigosa. Interessante! Poderiam ficar imediatamente com medo de fazer a coisa correcta por ser demasiado nocivo.

Bem, então isso seria como torcer um assunto e torná-lo supressivo. É uma apresentação supressiva do assunto. Mas poderíamos continuar a falar de que "as pessoas adoecem quando vocês lhes fazem uma S&D se não fizerem isto e aquilo, e precisam de ajustar o vosso E-Metro porque as pessoas ficarão doentes, e o vosso E-Metro tem de ser afinado, e o botão de trim tem que estar desse e daquele modo porque as pessoas vão ficar muito doentes, e depois a culpa será vossa como auditores, vêem? E depois..." e assim sucessivamente, e nunca falar acerca de alguém que se tenha restabelecido graças a uma S&D, falando só de quão doente se ficará ao fazer o S&D incorrectamente, estão a perceber? E então a coisa torna-se demasiado perigosa.

Bom, fizeram isto acerca da mente, e conseguiram assustar... o SP da linha do tempo (banda do tempo) conseguiu realmente intimidar toda a pesquisa inteligente sobre o assunto da mente e da alma. Vocês ouvem falar repetidamente em quão perigoso isto é. "Não devem brincar com a mente!" É perfeitamente aceitável pegar num cutelo e cortar o cérebro, mas não devem brincar com a mente!

Fiquei tão farto em 1950 de os psicanalistas me dizerem quão perigoso era brincar com a mente, que finalmente rejeitei mais ou menos tudo isso com uma gargalhada, porque olhei para quem falava assim. E quando ele disse "brincar", meu caro, queria mesmo dizer brincar, porque descobri que ele não era capaz de estudar Dianética... não conseguia.

E sabem que o nosso principal motivo para deixarmos de treinar psicanalistas, psiquiatras e médicos, realmente não se baseia nada no facto de termos antipatia por eles. A verdade é que eles parecem não poder duplicar os materiais de estudo. E é mesmo tão difícil, tão duro.

Uma pessoa vem da rua, e vocês podem ensinar-lhe o Curso de Comunicação numa semana. Bem, ensinariam o Curso de Comunicação a um psicólogo em cerca de seis a oito semanas. É duro, vêem? Porque o fulano foi treinado de forma muito supressiva. Já não consegue duplicar este assunto. E isto vai contra tudo o que lhe ensinaram, percebem? Por isso ele recebe tudo de forma oblíqua e invertida, e tem ideias preconcebidas, e na realidade do que ele precisa é do Remédio B do *Livro dos Remédios de Caso*.

Ora bem, o assunto supressivo, então, é algo que armadilha o estudo, e todo o trabalho que vocês têm para levar alguém a saber Álgebra, etc., pode-se perder completamente porque ele não tem um compêndio que lhe ensine Álgebra. Percebem? Bem, o que é necessário é

uma apreciação dos materiais de estudo pelas pessoas que escrevem os materiais a serem estudados.

Bom, há tipos que tentam, que se esforçam deveras. Uma noite destas estava a ler um livro sobre cruzeiros no oceano. Era muito bom. Não era sobre navegar no oceano, mas sim sobre conselhos úteis de navegação do tipo costeira, e dizia: "o que se deve usar quando se tem uma tripulação que não está treinada", ou coisa assim, "e é muito mais seguro dispor sempre de uma bússola de grade". Uma bússola de grade? Parte do facto de que toda a gente deve compreender a sua obra, e foi nessa condição que a escreveu, e nas primeiras frases está a expressão "bússola de grade", não existe mais nenhuma explicação, seja de que tipo for. Assim, só por diversão, peguei em vários textos sobre navegação e equipamento de navegação, para ver se podia encontrar uma bússola de grade, a imagem de uma, uma definição para ela, peguei em dois ou três dicionários de náutica para tentar encontrar a definição de bússola de grade. Não existia. Foi muito difícil, muito duro. Então, aqui estava um indivíduo a tentar honestamente fazer um bom trabalho, e fracassou porque não sabia que não devia pôr nele uma palavra que as pessoas não conheciam.

Agora, em Dianética e em Cientologia temo-nos defrontado constantemente com o facto de que estamos para além dos limites da linguagem. A língua inglesa não inclui as partes de um assunto que era desconhecido.

Compreendem? Quero dizer, se ninguém sabia coisa alguma acerca destas coisas, vêm?, bem, elas têm de receber nome, o que infelizmente nos dá muita nomenclatura, etc., sem a qual seríamos mais felizes. Temos de a ter porque não existe na linguagem.

Bem, de vez em quando um psicanalista ou psicólogo tenta transformá-la na sua própria nomenclatura, e aí têm a verdadeira razão pela qual certas coisas, que poderiam ter sido designadas pelos velhos termos não o são, é porque eles têm uma definição completamente diferente, e a sua definição entra em conflito com outras definições do seu próprio campo, pelo que eles não sabem do que estão a falar. Por isso é uma área completamente confusa.

Pois, onde eles dispunham de algumas palavras, estas não tinham o significado que deviam ter, vejam, e existe portanto discussão quanto à definição dessas palavras.

Logo, a solução para isto foi efectivamente converter verbos em substantivos sempre que possível, usar nomenclatura que expressasse, até certo ponto, aquilo que representava. Ora, não conhecendo os materiais de estudo quando os materiais foram escritos originalmente, não foi possível aplicar tudo isto e voltar ao princípio e ordenar tudo a partir daí. Isso seria uma trajecto muito, muito difícil. Seria um trajecto árduo, tentar rescrever tudo desde o princípio.

Pois, sofremos pelo facto de nem sequer termos um dicionário. Neste momento não temos um verdadeiro dicionário, e isso deve-se ao facto de que cada vez que recebo um exemplar de um dicionário, etc., tenho que verificar tudo pessoalmente, e encontro-me a fazer-lhe correcções e modificações, e então tenho que trabalhar muito arduamente nele, vejam, e depois outros têm estado a trabalhar nele, é um projecto de vulto. E mesmo na altura em que vou começar alguma coisa, uma boa parte está feita, e por conseguinte tenho de continuar com as correcções, alguma coisa surge, alguma coisa que requer todo o meu tempo, e o dicionário não fica pronto. E este dicionário... temos estado a trabalhar no dicionário não sei há quanto tempo, a tentar conseguir um dicionário para vocês.

Bem, é um trabalho difícil. É um trabalho difícil na melhor das hipóteses.

Mas verificarão que quase tudo está definido no texto onde aparece pela primeira vez. Por conseguinte, se fossem abranger toda a informação, obteriam toda a linguagem. E essa é uma das razões por que disse que um estudante de Saint Hill faria melhor em voltar ao método original de estudo, e o método original de estudo consiste em percorrer tudo ao de leve. Percorre -se tudo ao de leve, e acaba-se então por ter uma boa compreensão sobre a totalidade

do assunto. E então, aquilo que realmente se tinha de saber, bem, então é estudado com afinco para um checkout de nível estrela. Mas quantidade era o que aquilo exigia.

Bem, é claro que se deparam com o facto de não saberem onde se utilizou a palavra pela primeira vez, e há provavelmente um grande número de fitas gravadas em falta. Não creio que tenhamos muitas das fitas gravadas em Wichita. E sei que temos poucas ou nenhuma de Elisabeth, em comparação com as conferências que dei ali, foram muitos os dias em que dei oito horas de conferências, cinco horas era a rotina, ensinando classes e unidades diferentes. Isto dá-nos uma dificuldade logo aí. Porém, somos suficientemente espertos para saber que a temos.

E o que vou dizer-vos agora vai resolver isto de modo muito acentuado, e isto é o assunto da intenção ao estudar. Com que propósito estão vocês a estudar? Pois, até clarificarem isto, não podem, de facto, fazer do estudo uma actividade inteligente.

Bem, a maior parte dos estudantes estudam para os exames. Isso é absurdo, completamente absurdo. Não vão fazer nada com o examinador. Estão ali sentados a estudar para o exame, a estudar para o exame, a estudar para o exame, "Como vou papaguear isto quando me fizerem uma certa pergunta? Como responderei? Como passarei no meu checkout (exame)?"

Bem, é muito difícil manter "a demonstração", "o exemplo" e "a clarificação" num exame. É muito mais fácil recorrer a "O que é que dizia no boletim?" vejam, e obter citações directas do próprio material, quando na realidade isso não é verdadeiramente um exame, correcto, porque o defeito que se pode encontrar na educação universitária, o conflito que o homem prático tem com o homem que recebeu instrução académica quando lhe apresenta pela primeira vez o assunto e tem que o familiarizar totalmente com o mesmo, sabem?, como o fulano que constrói casas há muito tempo e de repente tem um assistente que acabou de ser treinado na universidade em construção de casas: o homem prático fica enlouquecido! O indivíduo não sabe absolutamente nada do assunto. Esteve a estudar durante anos e no entanto não sabe nada do assunto, e não sabe porque é que isto acontece.

Bem, posso dizer-vos porque acontece isto. Porque o indivíduo que acaba de frequentar a universidade estudou todos os materiais para poder ser examinado neles, não os estudou para construir casas. E o tipo que tem estado lá fora numa actividade prática não é, de modo algum, necessariamente superior a longo prazo, mas é certamente capaz de construir casas porque todo o seu estudo foi feito na base de "Como aplico isto à construção de casas?" Cada vez que pega num anúncio ou literatura ou qualquer outra coisa, interroga-se durante toda a sua leitura, perguntando: "Como posso aplicar isto ao que estou a fazer?" Esta é a diferença básica e importante entre o estudo prático e o estudo académico.

O estudo escolar ou académico não tem muito valor. Um tipo que passa através de um curso e chega ao fim do curso sem ser capaz de auditar é porque ele, de facto, estudou para o exame. Não estudou para aplicar isso às pessoas. Por isso acaba por não aplicar o material. É lamentável. É por isso que há fracassos na prática depois da atribuição dos diplomas, e essa é toda a razão.

Bem, se um indivíduo estivesse apenas a estudar para o exame, não teria de saber o significado exacto de todas as palavras. Poderia passar por elas superficialmente sem lhes dar grande importância porque podia incluir a palavra na sua frase completa e citar simplesmente a frase se lhe fizessem a pergunta, e não teria realmente de saber o significado da palavra. Por isso tem tendência a afastar-se do material e a não ter mais ou menos nada a ver com o material enquanto está ocupado a estudá-lo, porque pode simplesmente recitá-lo. E isto é a explicação para o estudante que pode recitar o material de uma forma tão bela, mas não sabe nada acerca do assunto.

Vejam, vocês perguntam-lhe acerca de "fulcros", e ele não sabe o que significa fulcro.

Não tem a mínima ideia. Mas sabe que se encaixa numa frase que diz: "a lei do fulcro *rat-a-tat-tat tat-a-tat-tat*", por isso pode escrevê-la toda *rat-a-tat-tat*, e sabe como resolver problemas relacionados com fulcros porque essas são as fórmulas com que se resolvem estes problemas: distância, peso, etc., portanto só as aplica ao problema que lhe é dado, "*Rat-a-tat-tat-a-tat trrm pa, e já está*".

Um belo dia tem que mover um barril, e fica ali a olhar à volta para este barril e coça a cabeça, e não sabe como deslocar o barril, porque não consegue levantar um dos extremos para fazer deslizar algo para baixo dele, e mesmo que pudesse não poderia sustê-lo, etc., e finalmente alguém que não sabe absolutamente nada acerca de fulcros, chega por acaso e pega numa estaca, coloca-a sobre um cepo, e constrói um fulcro, vêem?, e move o barril com esta grande alavanca. A pessoa que observa isto não irá provavelmente relacionar as suas lições de Física com o que o operário fez. E por isso podemos ter idiotas muito educados, e é desta forma que eles se fazem. Está relacionado com a intenção no estudo. A pessoa ou está a estudar para ser examinada no assunto, ou está a estudar para o aplicar, e são só estas duas situações diferentes.

Ora, quando um assunto está cheio de armadilhas e é supressivo ao máximo, pode ser estudado para exame, mas não pode ser estudado para aplicação. Não importa quão complexo seja o assunto, quão supressiva seja a forma como está escrito, quão mal organizado esteja, mesmo assim pode ser memorizado, e atirado mecanicamente para a folha de exame, se trabalharem com afinco e a vossa memória for suficientemente boa. Mas não se pode aplicar, é difícil aplicar esse assunto, porque não houve compreensão nele com a qual aplicá-lo. Não é horrível? Não havia nada ali para ser compreendido, e se não havia nada ali para ser compreendido, naturalmente que não poderá ser aplicado.

Imagino que pudessem escrever um compêndio inteiro sobre o assunto das "sôcorarias" e nunca ninguém saberia o que eram, vocês não saberiam o que eram... ou alguma coisa mais. Poderiam escrever um texto muito erudito, cheio de equações matemáticas com as quais todas as situações da "sôcoraria" pudessem ser totalmente resolvidas, e acabar por ter um assunto em que alguns estudantes pudessem tirar a nota máxima. Um assunto totalmente sintético.

Bem, o reverso da medalha... o reverso da medalha é que, se estudassem esse assunto para aplicação, cada vez que tropeçassem em algo incompreensível no texto, vocês próprios exigiriam clarificação. Se não estava no texto para ser compreendido e não se encontrava em nenhum texto paralelo para ser compreendido, certamente que, para poder aplicá-lo, teriam que clarificá-lo, e não colidiriam com um monte de mal-entendidos, porque parariam neles quando chegassem a eles e clarificá-los -iam. Estão a ver?

Ora bem, a vossa dificuldade em estudar Dianética e Cientologia reside basicamente na falta de um dicionário, mas chamo a vossa atenção para o facto de que acabo de produzir duas fitas gravadas e um boletim, nos quais, se os examinarem com muito cuidado, não encontrarão nada que não tenha sido definido. Notaram isso? Bem, isso são os materiais de Dianética que estão neste momento a ser aplicados directamente na prática de Dianética. Agora, isso está totalmente definido para aplicação total, e por esse motivo a aplicação é possível e vocês podem estudá-los para os aplicarem, e notámos que os estudantes que estão a auditar Dianética estão a obter resultados bastante interessantes.

Bem, para além disso, é-lhes dito para estudarem este material de forma a poderem ir auditar de imediato! Estão a ver? Ora, isso produziria esse outro estado de espírito em relação a estudar para aplicar.

Presentemente, se alguém está a ter qualquer dificuldade com os materiais de Dianética, qualquer que ela seja, é simplesmente porque não estudou as fitas gravadas de Dianética ou o boletim para aplicação, ou estudou-os para o exame. Pois, se voltassem atrás, começassem de novo como se nunca tivessem ouvido falar nada sobre o tema, e estudassem para aplicação

e cada vez que lessem uma única frase se interrogassem acerca de como iriam aplicar isso a um PC, ou o que é que isso tem a ver com o vosso desempenho como auditores na aplicação de Dianética ao PC, chegavam ao fim sem problemas de digestão. Chegavam ao fim com total compreensão do assunto, capazes de obter resultados, zás! zás! zás! Perceberam?

Mas uma pessoa aprende muito maus hábitos, ao estudar nas universidades e nas escolas desta sociedade de hoje, por se dar tanta ênfase aos exames. A ênfase nos exames é tão terrível que uma pessoa pode tornar-se um pária da sociedade por reprovar nos exames.

Noto que nos Estados Unidos lhes chamam agora desistentes. "*Arre!!* Desistentes!" O tipo reprovou, está arrumado. Mas também é interessante notar que dos quatro fulanos que desistiram (acho que foi em Princeton) num semestre... (agora estes são dados muito parafraseados, não vou tentar contar-vos as histórias deles) quatro desistentes num semestre em Princeton, das classes inferiores de Princeton, sabem, caloiros, alunos do segundo ano, etc., em menos de um ano estavam todos a ganhar mais de 25.000 dólares por ano. Esperem! O quê! Alto! O que é isto? Aqueles não eram os fracassos, mas os sucessos daquela classe.

Então, procuramos em vão para encontrar um único filósofo, à excepção de Mills, que alguma vez tenha tido uma classificação aceitável na escola, ou que tenha permanecido na escola até ao fim da escolaridade. Leiam a lista, meus caros: Bacon, Spencer, leiam a lista até ao fim, zás! zás! zás! Este, aquele aqueloutro, oh sim, bem, ele foi expulso. Esteve dezassete dias em Oxford e puseram-no fora, etc., etc. Porquê? Porquê?

Bem, há muito que o Homem não fez mais do que evitar isto, sabe que isto existe, mas evitava-o totalmente porque é uma completa atribuição de fracasso ao seu sistema de educação, se este não consegue ensinar rapazes inteligentes.

E têm dado muitas explicações para isso, e assim por diante. Mas a explicação é simplesmente que os materiais de estudo que lhes são dados, não são para aplicação, e estes tipos são homens de acção na vida e querem materiais para aplicar, e os textos universitários não estão organizados para aplicar coisa alguma a coisa alguma.

Bem, não estou a querer fazer dos meus ressentimentos o meu assunto preferido, mas vou contar-vos uma breve anedota. Reprovaram-me em Geometria Analítica, e reprovaram-me em grande! Deram-me mesmo a nota mais baixa. Sei que soa a Matemática, e a não ser que estejam familiarizados com a Matemática em geral, provavelmente nunca ouviram falar de Geometria Analítica. E é porque se trata de uma Matemática morta. Não tem nenhum uso possível, segundo os professores.

Mas eu sentava-me ao fundo, lá atrás na classe, e ficava intrigado com este assunto porque poderia ser aplicado à navegação aérea, e descobri que se podia deduzir uma fórmula que resolveria a questão do desvio na rota provocado pelo vento, sabem, o desvio na rota devido à acção do vento, e poderia ser aplicada com facilidade a algumas outras coisas, e descobri que a Geometria Analítica podia ser um ramo da Matemática extremamente útil. Oh! Cometi um erro, meus caros! Cometi um erro que arruinou tudo!

Disse ao professor... o nome dele era Hodgson. E se alguma vez se viu irromper uma chama dos olhos de qualquer pessoa, foi ao dar propósito e aplicação a esta Matemática tão perfeitamente morta. Disse-lho com bastante indiferença, não tentei pressionar, não fiz nada de especial, não discuti, fui muito educado. Mas ele reprovou-me sem mais nem menos, em todo o curso.

Bem, felizmente pude falar com o encarregado de Matemática da universidade, chamava-se Taylor, era um dos doze homens nos Estados Unidos naquela época que compreendia Einstein, e não penso que ele soubesse se estava a falar comigo ou não, ou o que quer que fosse, mas disse-lhe que requeria um novo exame nessa matéria. Portanto, ele ordenou a Hodgson que fosse fazer um novo exame, e o Hodgson pôs neste todas as fórmulas do livro.

Tinham que se saber todas as fórmulas de toda a matéria de forma literal, tinha que se saber todos os teoremas de forma literal, etc. Ele disse então: "vou ajustar contas com ele por tentar transformar uma Matemática morta numa Matemática viva!" Tive 98 por cento no exame.

Porém, isto foi um ataque directo à fortaleza do "Temos o conhecimento bem morto, vamos mantê-lo assim". E eu tinha errado ao dizer-lhe que havia um uso para aquilo. Foi um erro fatal da minha parte. Nunca deveria ter aberto a boca. Também fui reprovado uma vez numa classe de livre pensamento, e por aí fora, porque decidi que se podia pensar livremente.

A totalidade dos materiais de estudo depende, pois, do material a ser estudado, da atitude com a qual se estuda, do propósito e da intenção do estudante.

Pois, se percorrerem os materiais de Dianética e de Cientologia apenas na base de "Como posso aplicar isto, e como posso utilizar aquilo, e como posso aplicar isto?" e se forem examinados principalmente na base de: "Muito bem, temos aqui o Boletim 642" (espero que as pessoas saibam literalmente os comandos de audição) mas "Como se aplica isto?" "HCOB de tal e tal data," sabem, e o examinador perguntasse... ele não perguntaria: "o que é que esse boletim diz?" percebem? Ele perguntava: "como é que se aplica este boletim?" Vocês acabam de o ler. Aposto que veriam uma expressão de horror nos olhos de muitos estudantes. Ele leu-o para o exame, não para o aplicar. Mas agora, na verdade ele não terá qualquer utilidade seja de que espécie for, se o leu para o exame. Mas se o tivesse lido para aplicar, então teria achado a informação útil. Compreenderam?

Bem, agora vocês diriam que têm uma desvantagem pelo facto de estarem a lidar com um assunto que não tem tradição no seu vocabulário, o seu vocabulário é novo, é particularmente horrível que este falte, mas há falta de um dicionário, etc. Contudo, a maior parte dos materiais, se os estão a estudar amplamente, estão definidos nos próprios textos e vocês podem entender o que essas coisas são. Além disso, os vossos instrutores geralmente saberão do que se trata e podem fazer perguntas para clarificá-las, e deveriam clarificá-las.

Pois bem, estes materiais referentes ao estudo ampliam, certamente, os outros materiais que tínhamos acerca do estudo.

Eu ando muito entretido com um assunto em particular, que é provavelmente a maior "batata quente", causando mais problemas ao Homem do que qualquer outro assunto: o assunto da Economia.

O tema da Economia tem sido usado para promover ideologias políticas e, por isso, para cada ideologia há um sistema económico elaborado de acordo com ela, a tal ponto que as pessoas já não acreditam que exista um assunto chamado Economia. Mas a parte estranha disto é que *existe* um assunto chamado Economia, que tem certos fundamentos elementares, naturais, que se forem violados dão cabo de tudo. Porém, estas coisas foram todas cuidadosamente postas de lado, e em seu lugar ergueu-se uma fachada completamente nova para promover o comunismo, ou o fascismo, ou qualquer outro ismo, ismo, ismo, e então, é claro, temos os socialistas a usarem a Economia capitalista, os capitalistas a usarem a Economia socialista. Não sei como fazem isso, mas fazem-no, sabem?

Sabem que o Partido Trabalhista, agora mesmo, não está a usar nada senão a Economia capitalista. Dedicam-se à destruição do capitalismo, mas usam a economia capitalista. Não sei como vão triunfar com isto. Por outro lado, os Conservadores que se dedicam ao capitalismo, não estão a usar nada senão propostas de Economia socialista para remediar as coisas. Acho que é a desordem mais maravilhosa que alguma vez vi.

Mas foi aí que o assunto começou a entrar numa certa, para usar uma frase vulgar, prática de persuasão. Vejam, o assunto foi desenvolvido até ficar torcido. "Esta é a Economia comunista", vêem? "E todos os rudigratas ou vuterbodistas fazem todos grrr-rrr, e as fórmulas são "a cada homem de acordo com o seu bláblá" sabem? Hurr!

No momento em que se começa a aplicar isso, viola-se o tópico de que existe um assunto básico. Existe um assunto chamado Economia, e é um assunto realmente muito simples e que tem sido obscurecido.

Portanto, há mais uma coisa que se pode fazer a um assunto. Pode-se perverter um assunto de tal forma que já não seja aplicável nem assimilável, ou, se for aplicado, tornar-se uma catástrofe. Portanto, esta é outra coisa que se pode fazer a um assunto.

Isso foi o que fizeram com a obra de Freud. Estou convencido de que Freud tinha uma porção de tecnologia funcional. Não sobreviveu na prática da psicanálise, asseguro-vos, porque o que me ensinaram em 1924 como sendo a análise freudiana já não consta em nenhum compêndio. Sei que parece uma data demasiado remota para ter aprendido pela primeira vez algo acerca de psicanálise, mas foi verdade, foi nessa época que conheci pela primeira vez essa matéria e pareceu-me muito interessante. Tudo isso desapareceu, há anos que não voltei a ouvir falar nisso. Ouvi outras coisas. Ouvi algo como "o sistema económico auto-erótico muitas vezes repercute-se na sociedade por causa da perversão do id".

Seria interessante pegarem num dos livros de Horney, ou algo semelhante sobre psicanálise, e lerem-no para os participantes de uma festa em alguma ocasião. Simplesmente peguem num parágrafo ao acaso e leiam-no fora do seu contexto. Ninguém desse grupo acreditará que isso está escrito nesse livro, estarão absolutamente convencidos de que vocês estão apenas a recitar uma lengalenga sem sentido, porque nenhum compêndio poderia conter coisas dessas. Mas isto é como se poderia tomar o assunto.

Presentemente, a Humanidade inteira está a ser apanhada numa teia económica, está a ser apanhada numa rede económica nesta época particular. Cada hora do dia está a ser controlada pela economia. Não é interessante observar que o assunto da Economia tenha sido tornado tão complexo e tão distorcido, tão mal definido e divergente, e tenha sido tornado tão supressivo, que já ninguém consegue ir à raiz do que eles estão a fazer? A mais bela ofuscação, o mais belo obscurecimento do motivo que alguma vez vi.

Bem, vocês estão a estudar um assunto em que não há curvas. Se ele erra em alguma direcção, é provavelmente por vocês não serem suficientemente prevenidos em certas áreas. Mas não há nenhum intento de enganar. Vocês estão a estudá-lo, na verdade, em conformidade com o modo como foi pesquisado.

Por isso, se estivessem a estudar este assunto para aplicação, depressa descobririam nele o que não era aplicável, e descobririam o que era incompreensível para vocês, ou simplesmente que está ali mas é incompreensível, descobririam estas coisas e gradualmente desembaraçar-se-iam de qualquer nó existente nos vossos materiais, quer eu me sentasse a escrever um dicionário quer não. Compreendem?

Portanto, seja como for, da próxima vez que quiserem rir às gargalhadas, peguem num texto sobre um assunto qualquer, sabem, tal como "Jardinagem Paisagística para Principiantes", e descubram se o livro é ou não um caso de ética. É muito interessante. Entre os textos pelos quais o Homem espera levar por diante a sua cultura e civilização, encontrarão o SP muito bem representado. Encontrarão também tipos bastante bons que avançam muito bem. Mas descobrirão também que alguns desses indivíduos, que são bons tipos e fizeram um bom trabalho, são os mais amaldiçoados de que já se ouviu falar.

Por exemplo, Will Durant, que escreveu o livro *História da Filosofia* e tentou clarificar a filosofia, etc., se é que ainda vive, na realidade passou toda a última parte da sua vida isolado na Califórnia, com vergonha e horror devido a todo o inferno que foi criado em torno dele por escrever esse compêndio para tornar a filosofia simples e compreensível para os outros. Interessante, perseguiram o homem até ele não desejar mais nada senão morrer.

Há um fulano chamado Thompson que... quase todos os estudantes de Cálculo na

universidade mais tarde ou mais cedo vão ter pela frente este pequeno compêndio de Thompson (bem, é Thompson ou Carpenter), que começa por dizer o que é o Cálculo e o explica, e vocês lêem o livro, descobrem o que é o Cálculo, e é suficientemente simples para vos pôr a rir, vejam, e seguem em frente e podem fazer algo com o Cálculo. Mas esse não é o compêndio de Cálculo da universidade. Tive professores que preveniam severamente os seus alunos contra esse livro, porque permitia que a Matemática e a sua linguagem muito abstrusa fosse comunicada aos estudantes. Assim, vocês até encontrarão professores que previnem as pessoas contra compêndios simples, e verão camadas numerosas da sociedade a ficar com "aversão" à simplificação.

Bem, os materiais de estudo necessitavam de mais alguns comentários. Talvez esta conferência vos tenha ajudado um pouco, talvez tenha clarificado o que vocês estão a fazer, e da próxima vez que estudarem alguma coisa, pois, dêem uma olhadela a isso e acabarão por estar a pensar: "o examinador vai perguntar isto", etc., e vocês simplesmente se interrompem nesse preciso momento e, em vez disso, vocês interrogam-se: "isto tem aplicação? Isto aumenta a minha compreensão da mente? Isto amplia o meu domínio do assunto? E se assim é, como? Como posso aplicar isto na vida lá fora, se eu souber este dado?, etc. Que utilidade poderia este dado ter para mim?" E de repente vocês restabelecem-se de qualquer indigestão que possam ter tido por estudarem muito e muito depressa.

Muito obrigado.